



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 1

jan-jul.2025

p. 175-198

A produção subjetiva de família na vivência poliamorosa de uma relação em trisal

(The subjective production of family in the polyamorous experience of a throuple relationship)

(La producción subjetiva de familia en la vivencia poliamorosa de una relación en trijea)

Camila Ribeiro Castro Soares¹

RESUMO: O fenômeno específico da presente escrita foi a produção subjetiva de família na vivência de um relacionamento afetivo-sexual, concomitante e consensual entre as três pessoas participantes deste estudo. Um arranjo poliamoroso de grupo fechado que vem sendo nomeado de “trisal” no Brasil. Na ocasião do trabalho de campo, o trisal completava quatro anos nessa configuração de relacionamento poliamoroso. A Epistemologia Qualitativa e o método construtivo-interpretativo referenciam o procedimento de análise adotado. A partir da investigação realizada, foi considerado que a forma como o trisal configura subjetivamente sua família e seu arranjo relacional possibilita situar o poliamor numa posição de ambiguidade com a monogamia, com destaque para o valor da polifidelidade, que está presente na dinâmica relacional do trisal, e para os ideais de igualdade e honestidade, que ganham foco na configuração subjetiva de família e da relação poliamorosa entre as pessoas participantes nesta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: trisal; família; monogamia; poliamor; produção subjetiva.

Abstract: The specific phenomenon of this writing was the subjective production of family in the experience of a concomitant and consensual affective-sexual relationship between the three people participating of this study. A polyamorous arrangement of the closed group that been named of “throuple” in Brazil. At the time of the fieldwork, the throuple had completed four years in this polyamorous relationship configuration. Qualitative Epistemology and the constructive-interpretive method reference the analysis procedure adopted. From the investigation carried out it was considered that the way in which the throuple subjectively configures their family and their relational arrangement makes it possible to place polyamory in a position of ambiguity with monogamy, with emphasis on the value of polyfidelity, which is present in the relational dynamics of the throuple, and for the ideals of equality and honesty that come into focus on the subjective configuration of family and the polyamorous relationship between the people participating in this research.

Keywords: throuple; family; monogamy; polyamory; subjective production.

Resumen: El fenómeno específico de esta escritura fue la producción subjetiva de familia en la vivencia de una relación afectivo-sexual, concomitante y consensuada entre las tres personas participantes de este estudio. Un arreglo poliamoroso en grupo cerrado que ha sido denominado de “trijeja” en Brasil. Al momento del trabajo de campo, la trijeja había cumplido cuatro años en esta configuración de relación poliamorosa. La Epistemología Cualitativa y el método constructivo-interpretativo referencian el procedimiento de análisis adoptado. De la investigación realizada se consideró que la forma en que la trijeja configura subjetivamente su familia y su arreglo relacional permite situar al poliamor en una posición de ambigüedad con la monogamia, con énfasis en el valor de la polifidelidad, presente en la dinámica relacional de la trijeja, y de los ideales de igualdad y honestidad que ganan protagonismo en la configuración subjetiva de familia y la relación poliamorosa entre las personas participantes en esta investigación.

Palabras clave: trijeja; familia; monogamia; poliamor; producción subjetiva.

¹ Mestrado em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: castro.camila@mail.uft.edu.br



[...] o discurso sobre ‘crimes contra a natureza’ toma desde já liberdade ao confiar que a Natureza é ela mesma uma boa cristã, ou pelo menos transita sobre um tipo de pureza da qual o humano foi excluído desde a queda do Éden. Porém, e se a natureza em si for uma comuna, uma pervertida ou uma bicha estranha?
(Barad, 2020, p. 307).

1 Do ato de introduzir

Penso que às introduções são imprescindíveis algumas ações de cuidado, pois é o espaço limiar, a fronteira de apresentação e recepção entre nós: quem escreve e quem lê. É verdade que deliberei iniciar com as palavras “comuna”, “pervertida” e “bicha estranha” (Barad, 2020, p. 307), em aliança com um posicionamento que aposta na queeridade/queerização da vida. No entanto, é provável que as próprias pessoas participantes deste estudo não sentissem suas vivências reconhecidas por essas imagens. Então, começo apresentando esta escrita² – que se trata de um recorte da investigação de mestrado que realizei como um estudo de caso – através desse ponto de tensão, que coloca em evidência a necessidade de atenção com as diferenças e não contra elas.

Nesse composto, o fenômeno específico de investigação foi a produção subjetiva de três pessoas na vivência de seu relacionamento afetivo-sexual, concomitante e consensual. Um arranjo poliamoroso que, na configuração de grupo fechado vivenciada entre Olívia, Elizabete e William, nomes fictícios dos participantes desta pesquisa, realizada nos anos de 2021 e 2022, vem sendo nomeado, na última década no Brasil, como “trisal” (Reis, 2017; Soares, 2022).

As pessoas participantes do estudo se (auto)identificaram como duas mulheres bissexuais e um homem heterossexual, articulando-se no cenário social da pesquisa e em nossa conversação mediante uma representação binária cisgênera com algumas manifestações questionadoras dos atributos naturalizados dessa configuração social dominante de gênero, mas que, ao cabo, parece também reforçá-la. Ainda, para conhecimento de alguns outros marcadores sociais do perfil do trisal que compõe o estudo de caso, nossas interlocutoras na pesquisa são pessoas brancas, de classe média, com ensino superior completo, de religiosidade cristã e evangélica, com faixa etária entre 30 e 40 anos. Na ocasião do trabalho de campo – que aconteceu, informal e formalmente, ao longo do ano de 2022 –, Olívia, Elizabete e William completavam quatro anos nessa configuração de relacionamento poliamoroso.

Dito isso, outra parte importante da necessidade de cuidados a que me referi inicialmente, diz respeito a comunicar às companhias leitoras, que somam à composição, como está disposta esta

² Expresso, explicitamente, meus agradecimentos, nesta trajetória, às queridas companhias dos grupos de pesquisa Teoria da Subjetividade, educação e saúde, da Universidade de Brasília (UnB), com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e Políticas, Afetos e Sexualidades Não-Monogâmicas (CNPq), representadas, especialmente, nas figuras dos pesquisadores e amigos José Fernando Patiño Torres e Antonio Cerdeira Pilão, os quais (co)orientaram e contribuíram para o afinamento desta escrita.



escrita. De maneira distinta a um academicismo mais segmentado, este artigo traz e se compromete com uma proposição de imbricamento entre teoria e prática. Então, não há uma seção estritamente conceitual, seguida e separada de outra mais descritiva e empírica, mas sim um exercício de tecitura conjunta, na qual as categorias conceituais vão ganhando corpo/vida na trama da pesquisa com a investigação das produções subjetivas do trisal em sua vivência poliamorosa. Essa maneira de construção da informação e do conhecimento está subsidiada pela Epistemologia Qualitativa, pelo método construtivo-interpretativo e pela Teoria da subjetividade, criadas no final do século XX pelo psicólogo e pesquisador cubano Fernando González Rey, em companhia e articulação com a também pesquisadora e psicóloga Albertina Mitjans Martínez, e avançadas/atualizadas nas três últimas décadas com investigações acadêmico-científicas sob esse mesmo aporte epistemo-metodológico e teórico.

Assim, fazem-se presentes um reconhecimento e uma aposta i) no valor qualitativo, dialógico e dinâmico da comunicação; ii) numa abordagem construtiva e interpretativa de pesquisa; e iii) na valorização da singularidade como forma de produção de conhecimento acerca dos sentidos subjetivos das pessoas e grupos, diante de suas vivências nos espaços sociais que convivem – esses são pilares que constituem a tríade epistemo-metodológica e teórica (González Rey, 2019) com a qual venho assumindo um posicionamento aliado. Por sua vez, a conversação, ou dinâmica conversacional, como também é chamada, principal instrumento de pesquisa criado a partir dessa base epistemo-metodológica (González Rey, 2010), serviu e orientou o processo investigativo desenvolvido ao longo do mestrado (Soares, 2022).

Dessa forma, apresento o artigo articulado em duas dobras e uma desdobra. No primeiro dobramento, inspirada por Donna Haraway (2016b), busquei ficar com o problema – pensando com a categoria “subjetividade” proposta por González Rey (2010) – de alguns aspectos macrosociais e microsociais tensionados pelo e tensionadores do poliamor. Nesse sentido, fui problematizando a figura hegemônica do casal formado pela díade homem e mulher, na função procriadora, como modelo único de arranjo afetivo-sexual e de família nuclear, constituído histórico-culturalmente pela norma monogâmica e heterossexual da sociedade moderna ocidental.

Na segunda dobra, inicio fazendo um sobrevoo para nomear as configurações subjetivas de gênero, sexualidade e família entramadas na vivência do trisal e colocar em perspectiva o caráter de novidade atribuído a esse arranjo relacional. Em seguida, desdobrando a informação, adentro e aprofundo a construção interpretativa, junto às pessoas participantes, acerca da produção subjetiva de família do trisal na criação de sua relação poliamorosa.



2 ganhando camadas ao ficar com o problema

Vim buscando uma ponta do “fio de Ariadne” (Brandão, 1987, p. 163) que pudesse nos conduzir de maneira um tanto segura para dentro do labirinto dos afetos e desejos humanos nas relações eróticas e sexuais. Parecia certo que o ingresso se daria de forma direta pela problematização da monogamia constituída como hegemônica nos relacionamentos modernos, junto ao patriarcado e à heteronormatividade, seus fiéis companheiros, e seguiria rumo ao poliamor, tema macro da presente escrita. Qual foi a surpresa quando me senti provocada e praticamente convocada a adentrar essa seara por outra via, que tanto mais traz consigo o tensionamento desses estandartes sociais e culturais dominantes, contudo, talvez, por um acesso mais delicado e sinuoso?

Assim sendo, cá estou lançada nessa empreitada, à qual convido vocês, com o impulso e o impacto proporcionados pela proposição da filósofa pós-feminista Donna Haraway (2016a, p. 141) para o *slogan* do seu Chthuluceno: “Faça Parentes, Não Bebês!”. A pensadora, ao construir seu argumento, que muito me comicha, formula a seguinte questão: “[...] e se os novos normais se tornassem uma expectativa cultural que cada nova criança pudesse ter pelo menos três pais comprometidos na vida?” (Haraway, 2016a, p. 145). Nesta escrita, a palavra “normal” não tem apelo; ao contrário, é geradora de certo mal-estar que possibilita olhar para acontecimentos históricos e culturais que se valeram/valem de normatizações e homogeneizações para subjugar e massacrar povos, vidas heterodoxas. Aposto, então, em uma conotação outra com Haraway: a possibilidade de legitimar o caráter singular de subjetividades, de criar inteligibilidades subversivas – seria esse um contrassenso? – em processos subjetivos vistos/experimentados como controversos.

O Chthuluceno dá nome a uma ficção científica para novas ideias, fazeres conjuntos e (con)vivências entre humanos e não humanos; refere-se ao desafio e à aposta de encontrar maneiras de se viver e morrer bem para todos, com todos. Uma utopia, um não lugar, se pensa(r)mos linearmente. Entretanto, Haraway rechaça a ideia de evolução, e propõe o Chthuluceno como um longo e ininterrupto trabalho de constituição da Terra. A capacidade de prestarmos atenção, dar significado e sentido, acumular espacialidades e temporalidades: passado, presente e futuro na (re) construção de refúgios para multiespécies. A habilidade de cultivarmos afetos alegres que criem conexões nessa época de lutos e extinções (Haraway, 2016b).

A proposta deste estudo não trata de um enfoque ecológico; o olhar aqui, inter e transdisciplinar, é de viés psicológico e social. No entanto, como se interconectam essas instâncias da vida humana e não humana, do planeta! Dessa maneira, Haraway me capturou com seus “tentáculos”, dentre outros motivos, por parecer inconcebível pensar qualquer temática de pesquisa científica sem considerar o pano de fundo sob o qual ela se desenrola. Nesse sentido, a



pandemia da covid-19 e a maneira como o (des)governo fascista (2019-2022) se (des)incumbiu de administrá-la montam o cenário principal, formado de vários outros até chegarmos aqui, a partir do qual ainda repercutem reverberações psicológicas, sociais, materiais, políticas, econômicas e culturais, que, provavelmente, de modo muito singelo, temos – enquanto pessoas cidadãs e pesquisadoras – tentado vislumbrar: seja por meio de nossas práticas cotidianas, que quiçá as fazemos mais atentamente, ou com a insistência em pesquisas acadêmicas e projetos sociais que trouxeram fôlego e resistiram ao sucateamento de investimentos, desse mesmo (des)governo, nas universidades e políticas públicas.

Ao marcar esses pontos nevrálgicos iniciais, conduzo-nos, a seguir, ao encontro da problemática nuclear investigada. González Rey e Patiño Torres (2020) comunicam em sua conversação que os problemas não estão dados na realidade social, mas que são construídos por nós e cobram existência. Dito de outro modo, os “[...] problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los” (Butler, 2003b, p. 7). Faço, então, uma extensão para dizer que o mesmo se passa com a realidade psíquica e subjetiva dos indivíduos, que é constituída e constituinte da realidade social. Assim, a interatuação dinâmica entre subjetividades individuais e sociais clama pela formulação de perguntas acerca de vivências processuais que são elaboradas com os próprios problemas criados. Subjetividades essas que configuram categoria central para este estudo, concebidas como sistemas abertos, contraditórios e em constante elaboração nos espaços sociais nos quais se vive enquanto ser humano (González Rey, 2016).

Dito isso, chamo a atenção às formas de relacionamento amoroso e sexual que vêm se transformando e ganhando configurações várias nos tempos hodiernos. Para além da constituição monogâmica, heteronormativa e patriarcal profundamente enraizada na cultura ocidental, outras maneiras de amar e de vivenciar a sexualidade vêm requerendo, lutando e legitimando cada vez mais espaços, vozes, corpos e subjetividades.

Nesse tocante, modos de viver que se dispõem e se expõem diversos àqueles consagrados e arraigados historicamente causam, no mínimo, estranheza, seja no âmbito religioso e moral, sociopolítico-econômico, seja nas relações afetivas e sexuais. Interessa abordar, nesse ponto, a variação das vivências nesse último âmbito, mas que também implica, não tão indiretamente, mudanças àquelas outras esferas da vida. Trata-se de uma curva no processo civilizatório que constituiu a hegemonia dos relacionamentos condizente com a norma monogâmica, com os afetos e os corpos pautados pela estruturação do amor romântico nos três últimos séculos (Giddens, 1993).



Assim, o poliamor, enquanto vivência, também chamado de “não-monogamia ética” (Emens, 2004), vem tensionando e conferindo transformação à esfera simbólica e emocional das relações mode(u)ladas socialmente pela “heterossexualidade e monogamia compulsórias” (Butler, 2003a; Emens, 2004), trazendo consigo os aspectos macrosociais – cultural, econômico, moral, jurídico e político – e microsociais – psicológico, subjetivo, ético, étnico-racial, de gênero e sexualidade – que desafia e pelos quais é desafiado.

Em seu artigo, a professora e jurista Elizabeth Emens (2004) objetivou explicar por que o quesito de numerosidade, no caso do poliamor, aparece como indesejável na cultura dominante dos relacionamentos afetivo-sexuais, já que grande parte das pessoas pratica, como ela chamou, a não monogamia secretamente – adultério – ou a monogamia em série – divórcio e novo casamento. A pesquisadora também levantou uma problematização que coloca em perspectiva o poliamor e a poligamia, oferecendo uma mirada que põe para questão a visão ocidental estigmatizante de relacionamentos múltiplos associados à cultura mórmon e do Médio Oriente.

Os trabalhos de Butler (2003a) e Emens (2004), ao se referirem à heterossexualidade e à monogamia, respectivamente, a partir do adjetivo “compulsório”, permitiram seguir passagem nos corredores labirínticos, tomados aqui como imagem, para pensar problemáticas que podem ser geradas mediante a vivência e a exposição de uma configuração afetivo-sexual poliamorosa em trisal. Quer dizer, pensar os fatores macro e microsociais pressionados por e pressionadores de estilos de vida entendidos como alternativos, o que leva a indagar o uso comumente empregado da adjetivação “alternativo”, pois algo ou alguém adjetivado dessa forma o é a partir da pretensão de um suposto centro homogêneo e hegemônico.

Partindo desse princípio, a pessoa poliamorista, através da configuração de sua relação erótica e sexual, coloca em questão a díade conjugal monogâmica e heterossexual patriarcalmente constituída pela figura de um homem – ativo – e uma mulher – passiva. Isto é, as vivências poliamorosas promulgam bases outras às colunas que alegoricamente sustentaram instituições sociais e dimensões psicológicas, configurações subjetivas sociais criadas e reiteradas como dominantes ao longo da “História”.

Logo, o fio que serve de guia para esta escrita, ao mesmo tempo em que está sendo tecido, tem seu eixo ou pontos de conexão no estudo da subjetividade que, entendida a partir da perspectiva adotada, articula os aspectos macro e microsociais mencionados anteriormente. Nesse panorama, a subjetividade é retirada da habitual função adjetivante, com a qual ainda é empregada em grande parte das teorias psicológicas e sociológicas, que diz de uma instância restritamente interior da psique humana, para assumir um lugar integrativo que envolve os aspectos culturais, históricos e



sociais na dinâmica singular da produção emocional humana diante de suas vivências (González Rey, 2017).

Dessa forma, problemas fundamentais e desafios – tomados, aqui, à maneira como convoca Haraway (2016b), ou seja, para se ficar com eles, para nos ocuparmos deles – surgem ao considerar a questão que segue: o poliamor é para todas as pessoas? Antes mesmo de terminar a elaboração da indagação, sua forma parece produzir um naturalismo, como se houvesse determinações de lugares, práticas ou modos de vida designados a grupos específicos. Por outro lado, sabemos que foi se valendo de tais dispositivos e crenças, aliadas, inclusive, à própria ciência em sua vertente positivista, em que se desenvolveu a civilização ocidental (González Rey, 2016). Então, talvez, a interrogação possa ser mais bem expressa da seguinte maneira: como o poliamor serve às pessoas? Ou, ainda, como podem os indivíduos se servirem do poliamor?

Nesse ponto, a posição assumida é de uma escuta atenta:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, ‘feridos até o coração’, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando (hooks, 2000, p. 188).

A pensadora feminista e ativista social norte-americana Gloria Watkins marcou sua autoria através da grafia minúscula do pseudônimo bell hooks, o que, para ela, constituiu a maneira de fazer ref(erê)ncia sobre o que escreveu, como viveu e a sua ancestralidade. Seu pensamento possibilita vislumbrar experiências nas quais o amor pode ser vivenciado como margem, beira, sobra [falta], resto.

Pilão (2019), por sua vez, aborda a questão do poliamor como problema no movimento feminista negro, no qual agrega para debate, também, as vivências de pessoas trans, pessoas gordas e pessoas com deficiência. Outros aspectos relevantes para pensar, junto à interrogação levantada anteriormente, diz respeito ao fator econômico e à escolaridade. Ainda nesse mesmo artigo, Pilão (2019) conta, com base em suas pesquisas de mestrado e doutorado, que a maior parte das pessoas poliamoristas brasileiras não se encontra na população mais pobre, nem na classe dominante e rica, mas são pessoas de classe média com curso superior concluído ou em andamento e que vivem em grandes cidades.

Um corredor mais aparece se tomamos por indicação a instituição do casamento e a imagem de família, chanceladas pelo Estado e pela Igreja, representadas como se fossem exclusivas à monogamia, mediante a redução moralista e naturalista da figura heterossexual do casal que



concebe uma criança em matrimônio. A própria concepção do que chamamos de família e dos vínculos afetivo-sexuais configurados mononormativamente é moderna e ocidental. Em outros espaços e tempos, as formas de viver a parentalidade eram outras e nem sempre foram pintadas e nomeadas dessa maneira, tanto na vivência dos povos originários do Brasil antes da invasão colonizadora, quanto na cultura ocidental, em geral, anterior ao século XVIII (Ariès, 1981; Engels, 2019; Freyre, 2003; Núñez; Oliveira; Lago, 2021).

A partir desse contexto, o poliamor parece se lançar como o modo contemporâneo de relacionamento múltiplo que viabiliza a junção do afeto com o sexo, um investimento na rachadura da sociedade moderna, ocidental e patriarcal; uma reconfiguração moral e ética no que se refere às bases religiosas e espirituais ortodoxas cristãs. Uma maneira de vivenciar a sexualidade enquanto um espectro (Noguera, 2020), que critica a orientação heterossexual constituída socialmente como normativa e categoria histórica, para concebê-la como uma vivência possível, como também o é a homo e a bissexual. Ainda, a sexualidade desvinculada de gênero – pan, demi, sapiossexual, por exemplo – e mesmo a existência do afeto amoroso descolado da sexualidade – assexual.

Com isso, passamos, então, à seguinte (des)dobra acerca da produção subjetiva da vivência do trisal frente à configuração social hegemônica mononormativa, de modo a “circumambular” (Jung, 2011, p. 32) a complexidade e a singularidade do poliamor, enquanto fenômeno escopo no arranjo de trisal.

3 Um panorama das configurações subjetivas entramadas na vivência do trisal

As três categorias surgidas e mais proeminentes ao longo da conversação com o trisal foram família, bissexualidade e relacionamento padrão. Será com elas, então, que circularemos o processo subjetivo da vivência poliamorosa do trisal participante do estudo. De mesmo modo, foram essas categorias que possibilitaram a construção dos indicadores de sentidos subjetivos formados por e formadores de três configurações subjetivas que se destacaram com o trabalho de campo, isto é, indicadores de como se configuram subjetivamente família, sexualidade e gênero na criação poliamorosa da relação entre as três pessoas participantes da investigação.

Como aprendi com González Rey (2010) e com algumas de suas companhias de pesquisa (Bonato, 2019; González Rey; Mitjans Martínez, 2017; González Rey; Patiño Torres, 2020; Meireles, 2020; Moncayo Quevedo, 2017), as informações não são para serem interpretadas de imediato, e os movimentos que fazemos com elas para criarmos as análises aludem à imagem de uma espiral. Isso possibilita gerar movimentos que vão e voltam com as informações e dizem de uma não linearidade no processo de construção: seja do conhecimento com a pesquisa, seja



da subjetividade dos participantes – bem como da pesquisadora. Dessa maneira, vários foram os contornos, as vacilações, as regressões e as projeções de ideias e imagens que realizei para compor a escrita da forma como ela se apresenta aqui, acompanhando a tecitura com os participantes na conversação.

De modo similar, a atenção colocada nas presenças, ausências, repetições, ênfases e reticências das expressões do trisal – acerca das seguintes associações temáticas presentes na conversação: homem, mulher, razão, emoção, amor carnal, amor de amigo, marido, esposa, filhos, casal, casamento, religião, adultério, traição, amante, possessão, ciúmes, masculinidade, machismo, bagunça, luxúria, mundo Disney, família Dorian, homossexual, verdade, hipocrisia, terapia, diálogo, respeito e proteção – possibilitou, na pesquisa, a construção dos indicadores de sentidos subjetivos produzidos pelos participantes com sua vivência relacional. Indicadores que estão envoltos pela monogamia, amor romântico, poligamia, não monogamia, heterossexualidade, cisgeneridade, monoheterocisnormatividade, promiscuidade, ética e moral, como manifestações implícitas daquelas mesmas expressões do trisal.

Então, é com duas falas de William que inicio a construção da informação, pondo em realce, e, também, em tensão, o adjetivo “novo” para caracterizar a configuração poliamorosa de trisal. Primeiramente:

[...] a minha relação que eu estava construindo com a Olívia e a minha relação que eu estava construindo com a Elizabete também, podemos se dizer assim, porque a nossa relação passada, ela... ela... ela terminou, né, então, hoje, é uma nova história, o que passou, passou. Do mesmo jeito que passou pra Olívia com relação ao que ela teve, pra nós também passou; agora, é uma outra relação, né, e, no meu ponto de vista, eu tô muito mais empático, vamos se dizer assim, com... com essa questão das... das... das mulheres né (Fala de William, 38 anos).

Em um segundo momento, William se expressa novamente sobre o caráter “inovador” da relação que os três estavam construindo, mas, dessa vez, de forma contraposta:

Não, porque todo mundo tem, todos cara têm, os cara têm: uma, duas, três, quatro, oito mulher, só que a esposa dele não sabe de nenhuma das outras sete, nenhuma das outras dez, mas todo mundo tem, todo mundo não, que é muita gente, mas infelizmente a maioria tem. Então, o meu medo era justamente por conta disso, porque isso não é novidade. Eu sou tido como um bobo, porque eu fui arrumar mais uma mulher e casei com essa outra mulher: ‘pô, que besteira que você fez, por que que você não fica igual todo mundo?’ (Fala de William, 38 anos).

Dizer do caráter de “novidade” desse arranjo relacional o situa no espaço-tempo do Brasil no século XXI; contudo, as aspas servem para lembrar configurações de relacionamentos grupais em espaços-tempos outros – dos povos originários das terras brasileiras pré-colônia e sociedades ocidentais anteriores ao século XVIII (Engels, 2019; Freyre, 2003; Núñez; Oliveira; Lago, 2021).



Por sua vez, William propõe outras perspectivas para dizer que o relacionamento em trisal é “novo”: no primeiro momento, ele afirma que é uma “nova história”, pois a foi construindo tanto com Olívia quanto com Elizabete, e que a relação anterior em casal, durante mais de dez anos, com Elizabete é passado, assim como são ultrapassadas as vivências relacionais precedentes de Olívia.

González Rey (2012) afirma que a história pessoal e, portanto, o passado, faz-se presente em uma relação por meio da configuração subjetiva da experiência atual, que, por sua vez, é composta por outras configurações subjetivas múltiplas e simultâneas. Nesse sentido, as vivências relacionais anteriores de Olívia, Elizabete e William têm importância, pois são atualizadas e atualizadoras de como o arranjo relacional foi se configurando subjetivamente enquanto vivência poliamorosa, de como foram se configurando os sentidos subjetivos dos participantes acerca de família, sexualidade e gênero.

Na segunda fala, interessa notar que William parte, implicitamente, da monogamia, como uma das formas de subjetivação social dominante, para dizer que a questão das relações paralelas “não é novidade”. Essa forma de subjetivação traz alguns pressupostos: a mulher como propriedade privada do homem; uma pretensa autorização cultural para o homem ter/possuir várias mulheres através da prática de traição; e uma diferença degradante em ter/ser mulher e ter/ser esposa (Engels, 2019; Vasallo, 2018). Essa clássica divisão colocou as mulheres em duas categorias binárias: a esposa e a amante – a “outra”. Dessa forma, o prazer de homens foi legitimado na monogamia em suas relações paralelas, social e implicitamente justificadas, em contraste com a não legitimação de práticas sexuais ditas alternativas exercidas por mulheres.

Desse modo, não é apenas a história pessoal que aparece configurada subjetivamente com os acontecimentos da vida, mas também os aspectos histórico-culturais de uma sociedade, tendo em vista que, em nossa perspectiva teórica, o social não é uma instância externa, mas se organiza no sistema subjetivo de práticas humanas (González Rey, 2012). Nesse sentido, o que estou dizendo é que também se faz presente no leque especulativo desta escrita uma transformação de configurações subjetivas sociais dominantes – por exemplo, monoheterocisnormativa –, isto é, das dimensões afetivas e sexuais nas relações contemporâneas.

Dito isso, passo a elaborar, mais especificamente na capilaridade a seguir, a construção da informação a respeito de como o trisal foi (re)configurando subjetivamente a experiência de família com a vivência do relacionamento poliamoroso.



3.1 Configurando subjetivamente uma família em trisal

Neste eixo capilar, considero como pano de fundo uma contextualização histórico-cultural acerca da imagem dominante de família a partir de Ariès (1981), Engels (2019) e Freyre (2003). Levando em conta, também, que a perspectiva de seus estudos se estrutura com uma visão de mundo que, ao cabo, concilia-se com o próprio patriarcado. Seja pela família monogâmica, representada pela figura do casal heterossexual com filhos, entendida a partir de um viés evolucionista como um avanço civilizatório (Engels, 2019), seja por uma apropriação patriarcal que entende as relações vivenciadas pelos povos originários no Brasil Colônia como “poligamia” (Freyre, 2003) – importante mencionar, quando opto por dizer Brasil Colônia, a questão de que a vivência dessa expressão se mantém operante subjetivamente ainda nos dias atuais.

Dito isso, tanto a palavra “família” quanto suas associações foram as que mais emergiram na conversação com o trisal. Dessa maneira, foi Elizabete quem começou contando que ela e William eram casados há mais de dez anos e que vivenciavam um “casamento padrão”, sem nunca terem tido experiências fora do casamento. Ela continua:

[...] a Olívia, ela veio trabalhar junto comigo nessa empresa, a gente se tornou muito próximas [...]. E chegou um ponto que a gente tava tão juntos que ela fazia parte da nossa família mesmo assim, a gente não dava nomenclaturas de tipo: ‘ela é nossa irmã’ e nem nada disso, mas a gente era família, né (Fala de Elizabete, 38 anos).

Desde o início, na expressão de Elizabete, parece se registrar a presença da forma de subjetivação social mononormativa, quando ela conta sobre seu “casamento padrão”, que faz alusão à união matrimonial e heterossexual entre um homem e uma mulher. No entanto, o que chama mais a atenção é como Elizabete se refere à presença de Olívia em suas vidas, pois deixa rastros de como estão imbricadas a monogamia e a heteronormatividade enquanto formas de subjetivação social hegemônicas. Assim, Olívia parece ter entrado na cena familiar e relacional como irmã do casal, ainda que não dessem essa nomenclatura, como Elizabete sentiu necessidade de complementar. A proposição de que Olívia passou a fazer parte da família como “irmã” do casal encontra ancoragem no pensamento de que não havia outro espaço para ela na configuração subjetiva familiar e relacional até então, de acordo com as formas hegemônicas monogâmica, heterossexual e cristã de subjetivação social.

Para a teoria da subjetividade, as necessidades são estados dinâmicos geradores de emoção e constituem a base do processo subjetivo que atualiza e é atualizado pela criação de novas necessidades; são elas as promotoras de motivação para a ação do indivíduo nos espaços em que convive (González Rey, 1999, 2000, 2016). Sendo assim, as necessidades são momentâneas e contextualizadas e podem fazer surgir motivos mais estáveis, que se configuram subjetivamente



como uma unidade que integra emoções, intelecto e ação, a partir da qual a ação do indivíduo se torna uma produção psicológica, em vez de um resultado lógico (González Rey, 2014).

Nesse sentido, Elizabete expressou que pedia a “Deus” para tirar o “sentimento diferente” que começou a “nutrir” por Olívia, pois “não queria estar apaixonada por ela”. A partir disso, surge a primeira questão formulada por Elizabete, em nossa conversação, que dá indícios de possíveis necessidades vivenciadas como contraditórias no que corresponderia ao momento inicial da construção subjetiva do arranjo relacional poliamoroso: “[...] *como que eu ia fazer? Eu não ia... eu não queria largar do William porque eu o amava, eu também não queria me afastar dela [Olívia] porque a gente era família* (Fala de Elizabete, 38 anos).

A forma como Elizabete conta sobre o começo de seu envolvimento com Olívia, quando diz que “não ia”, faz uma pausa e reformula para “não queria largar” de William, dá pistas para a construção do primeiro indicador de sentidos subjetivos dos conflitos que vivenciaram inicialmente: a ruptura e a ampliação da imagem de casal, e não a traição, como possibilidades de criação do relacionamento em trisal (Indicador 1). Sendo que as (re)ações de separação e traição são as (re)soluções que a norma monogâmica comporta para o acontecimento de se apaixonar por outra pessoa em concomitância à vivência de um relacionamento afetivo-sexual já existente. Nesse indicador construído, está em consideração, também, que os três “*não sabiam que existia esse negócio de trisal*”, estavam “*vivendo um trisal, sem saber que era um trisal*”, como expressou Elizabete em outro momento de nosso encontro.

Nessa altura, proponho, arriscadamente, uma torção nas expressões de Elizabete quando diz que “não queria estar apaixonada” por Olívia, mas também “não queria” se “afastar” dela por serem “família”. Motivadas pelo “tabu da bissexualidade”, como expressaram Elizabete e Olívia em nossa conversação, Olívia parece ter sido, inicial e conscientemente, agregada como “irmã” à “família”. Contudo, questiono se essa ação fez gerar novos sentidos subjetivos não conscientes que possibilitam a construção de outro indicador: tornar Olívia parte da família como irmã pode tê-los levado à fantasia de outro tabu social, o incesto (Indicador 2) (Freud, 1996). Esse fator pode configurar, também, mais um motivo, não consciente, pelo qual Elizabete “não queria estar apaixonada” por Olívia. Nessa altura, coloco ênfase na expressão “fantasia”, de forma que a construção de indicadores diz respeito a dinâmicas psicológicas, a uma equação da economia de energia psíquica, aos processos subjetivos criadores de sentidos muitas vezes não conscientes.

Pensando com Butler, Emens (2004) é quem subsidia essa construção e me ajuda a desenvolvê-la, no sentido de que a figura dos pais é o único modelo de relação sexual autorizado socialmente dentro de uma rede de família nuclear. Por esse motivo, o sexo entre três pessoas



que se configuram como família pode evocar a ideia de irmãos, de modo que essa é a forma que torna provável, na constituição familiar tradicional, uma horizontalidade parental que envolva mais de duas pessoas. Dessa maneira, a relação sexual entre as três pessoas que configuram uma família poliamorosa pode levar à imagem de incesto entre irmãos, o que possibilita dizer sobre a “ansiedade” – social – relacionada à vivência do poliamor (Butler, 2000 *apud* Emens, 2004). “Ansiedade” que aparece, também, como sentimento e sensação experimentada e relatada por Elizabete em nossa conversação.

Invisto, então, na perspectiva de que esse sentimento de “ansiedade” tem como referencial histórico-cultural o modelo de família configurado subjetivamente como mononormativo, sendo, ainda, o ponto de partida socialmente predominante nos arranjos relacionais contemporâneos. A seguir, é Olívia quem conta um pouco mais sobre o envolvimento na vivência em trisal, implicitamente a partir desse modelo. Novamente, faz-se presente a marcação do discurso e imaginário religioso, em específico cristão e evangélico, que coloca em pauta, também, a moralidade como mais um aspecto na configuração subjetiva de família do trisal:

Os dois saíam como um casal perfeito, a família perfeita, né, eu via eles como a família Dorianana, porque, além de duas filhas, tinha essa questão da religião [...]. E aí eles saíam pras festas e voltavam pra casa e saíam comigo; então, eu me sentia amante, uma pessoa que, nossa, eles tão lá na sociedade, aquela coisa perfeita, e chega aqui vai sair comigo? Então, eu comecei a me sentir muito mal, eles... tendo, né, uma visão de um casamento que não era, porque eu sabia que não era, eles tavam comigo depois (Fala de Olívia, 33 anos).

Portanto, o que figura como modelo de família com permissão cultural e social para existir é a representação do “casal perfeito”, formado por um homem e uma mulher heterossexuais com filhos nascidos desse matrimônio, sendo essa imagem de “casal” e de “família perfeita” chancelada por uma religiosidade cristã mais dogmática. Nesse aspecto, Olívia complementa expressando que o casal formado por Elizabete e William era de “*pessoas que eram exemplo*” e que “*eles eram ícones na cidade por causa da religião*”. Ser exemplo parece significar, até então, para eles, viver de acordo estritamente com esse modelo relacional e familiar monogâmico reconhecido tradicionalmente pela Igreja e pelo Estado.

As expressões de Olívia trazem para a cena a produção de sentidos subjetivos, por meio de suas vivências, ainda em conformidade à configuração social monoheteronormativa, na qual – o ideal de – uma vida perfeita equivale(ria) ao “relacionamento e a família padrão” consagrados pelo casamento religioso e civil tradicional. Contudo, Olívia contou, também, que seus “*pais eram padrão*”, ou seja, “*uma família padrão Dorianana*” que “*era pra ser lindo e era um inferno, um relacionamento horrível, abusivo*”. Essas expressões nos possibilitam contextualizar as tensões



subjetivas que vivenciaram entre os aspectos histórico-culturais que atuam, tanto jurídica quanto subliminarmente, como norma na sociedade ocidental e as emoções experimentadas com a história pessoal, que produzem sentidos subjetivos contraditórios.

Além disso, Olívia disse que faz “Direito”, que “sofria” em *“toda aula de Direito de Família, que voltava”* para casa *“quase que chorando”*. Nesse aspecto, nos remeto, também, ao estudo que fiz de pesquisas acerca do poliamor no campo jurídico, para a escrita de um estado da arte (Soares, 2022). Nessas investigações, está destacado o fato do Direito, enquanto área de conhecimento em uma vertente mais ortodoxa, apregoar a monogamia como o princípio de base para se constituir família e não somente como um dos valores possíveis para essa constituição (Knoblauch, 2018; Peixoto, 2019; Porto, 2017; Rotondano Oliveira, 2018; Santiago, 2014). Isso ajuda a contextualizar o sofrimento que Olívia relata em suas aulas de “Direito de Família”, além de que é igualmente nessas pesquisas que a categoria “família” apareceu como mais relevante e proeminente.

Com González Rey (2012), amadureci a compreensão de que os aspectos simbólicos da historicidade espaço-temporal de uma cultura se articulam com as produções emocionais dos indivíduos, em um processo de experiência humana que se caracteriza como um sentir gerador de sentidos subjetivos conflitantes entre si. Nessa dinâmica, a partir do envolvimento afetivo-sexual entre o trisal, apresentando suas contradições, Olívia diz: *“[...] nossa, né, eu queria ser padrão, ter um relacionamento com uma pessoa só, mas era horrível e, agora, com eles que tá errado é maravilhoso, aquela coisa, aquela luta, né”* (Fala de Olívia, 33 anos).

Quer dizer, a representação da “família padrão Dorian” – essa expressão é popularmente utilizada no Brasil para se referir ao modelo de família monogâmica, historicamente branca, que aparece em comerciais televisivos, nesse caso, de uma marca de margarina –, na figura do homem e da mulher com filhos gerados dessa união, como promessa e – suposta – garantia de ser “lindo” e “perfeito”, contrasta com a vivência “horrível”, negligente e “abusiva” relatada por Olívia no “relacionamento padrão” de seus pais e em seu “relacionamento anterior”, que *“era um relacionamento super difícil”*, como ela também contou.

Dessa forma, a conversação com o trisal, até aqui, possibilitou construir informações acerca de parte da criação subjetiva de seu arranjo relacional poliamoroso, com Olívia expressando que o – que é significado socialmente como – “errado é maravilhoso” e falando de sua “luta”; também quando Elizabete diz, em um momento: *“eu me afastei da crença religiosa, comecei a deixar de ir, porque, pra mim, era muita hipocrisia”*, e conta sobre sua sensação de estar ficando “louca”, sobre “entrar em parafuso” e suas “crises de ansiedade”; e com William contando sobre o “medo”



de “ser mal interpretado”. Essa parte, por assim dizer, da criação subjetiva do relacionamento poliamoroso se desenvolveu com(o) contradições entre as vivências pessoais do trisal nos espaços sociais que convivem e o ideal de “família e relacionamento padrão”, produzido culturalmente e arraigado socialmente por processos subjetivos que fizeram da monogamia e da heterossexualidade norma(tiva)s que reiteram esse mesmo modelo.

Também William colocou em diálogo que o trisal *“já viu diversas famílias onde tinha o pai, a mãe, os filhos, mas ninguém tava amando ninguém ali”*, que *“tinha o laço de sangue, tinha o laço afetivo, mas ali não tinha respeito nenhum”*. Nesse sentido, o “laço de sangue” supostamente implicaria “no laço afetivo” que deveria ser garantidor de amor e “respeito”. Contudo, importa colocar em questão como se qualifica esse próprio “laço afetivo”, tendo em vista que William e Olívia contaram sobre – suas – vivências em que essa extensão de um laço a outro não foi promotora de cuidado e “respeito”. A fala de William faz aparecer uma vez mais a dissonância entre o ideal de amor – romântico – e “respeito” do modelo de família cristã e monogâmica e as práticas dessa vivência que não se alinham com esse ideal.

Essas reflexões trazem uma profundidade, pois nos mostram como o trisal tem reconhecido que o laço entre consanguinidade e afetividade não é imediato e direto, tampouco inerente. Por não ser uma linearidade, depende da forma com que se configura subjetivamente o “laço afetivo” no percurso das vivências produzidas pelas pessoas de um grupo familiar. Então, o fundamental suscitado com essas expressões, mais do que as normatizações impositivas dos espaços sociais que o trisal convive, é a qualidade do vínculo que os três logram configurar subjetivamente em seu arranjo relacional.

Conjunto a esse ponto, seguem as informações que possibilitam construir, mais adiante, dois últimos indicadores de sentidos subjetivos da configuração de família no arranjo relacional poliamoroso do trisal. Nesse contorno, Elizabete contou que Olívia *“teve que trabalhar a desconstrução do... mundo Disney, que ela queria casar na igreja com véu e grinalda, com um homem só, um príncipe encantado em cima do cavalo e de repente aparece dois na vida dela”*.

O “mundo Disney” comentado por Elizabete faz referência ao ideal de amor romântico, sustentáculo da monogamia, que se protagonizou na cena moderna através da literatura novelesca e com os meios de comunicação de massa. A ficção de que duas pessoas, um homem e uma mulher, estariam destinadas uma à outra e que se completariam (Giddens, 1993; Lins, 2007, 2017) produziu e foi produzida por sentidos subjetivos sociais dominantes de que a relação deveria perdurar pela vida toda; de que requer sacrifício – sobretudo do papel e da função social de mulher, historicamente contextualizada pelo patriarcado – para fazer o relacionamento dar certo; e de que



o casal e a família mononuclear são entidades apartadas da comunidade mais ampla (Ariès, 1981; Engels, 2019).

Dessa maneira, a forma de Elizabete expressar que *“de repente, aparece dois na vida”*, de Olívia, faz surgir como possibilidade de complemento que são dois príncipes encantados que, como nos contos de fadas, “de repente” aparecem como destinados a salvar a princesa. Outra fala, agora de Olívia, possibilita tecer essa conjectura, em que ela diz que Elizabete e William *“são pessoas, assim, que parece que Deus colocou na minha vida eles pra falar: ‘você vai aprender na força sabe, assim, ou você aprende agora ou você pula fora’”*. A conjunção dessas expressões parece reconduzir ao tema do sacrifício, mencionado previamente, como um dos pressupostos do amor romântico e da monogamia, tornando plausível a formulação do terceiro indicador: o amor romântico permanece sendo a base sob a qual se configuram subjetivamente a família e o relacionamento poliamoroso do trisal (Indicador 3). O que está de acordo com as percepções apontadas nas pesquisas de Silva (2017) e França (2016, 2017) sobre a presença do amor romântico no poliamor.

Sigo, então, com a construção da informação junto ao trabalho de campo, de modo que o Indicador 3, somado ao último indicador elaborado mais adiante, possibilita pensar uma parte outra – mais paradoxal – da criação subjetiva do arranjo relacional poliamoroso do trisal e da configuração subjetiva de sua família poliamorosa. Assim, apresento uma expressão mais de Olívia:

[...] essa questão deles serem casados e eu não poder casar é puro egoísmo, eu não tinha maturidade pra tá; me machucava muito, muito e eu falava isso pra eles. Foi então que eles falaram: ‘ah, vamos separar e ficar todo mundo igual...’ [...] hoje, eu consigo ver o casamento com os dois. Antes, a Elizabete falou: ‘ah, casa com o William, aí você entra na igreja e tal, mas aí a gente ia ser hipócrita’ (Fala de Olívia, 33 anos).

Ao falar da proposta de separação legal entre Elizabete e William, Olívia reforça e faz retomar o indicador da ruptura e ampliação da imagem de casal, e não a traição, como possibilidade de criação do relacionamento em trisal (Indicador 1), bem como faz voltar o indicador de que a ação de tornar Olívia parte da família como irmã pode tê-los levado à fantasia de outro tabu social, o incesto (Indicador 2), quando ela conta que a separação do casal seria para *“ficar todo mundo igual”*, ou seja, de acordo com a informação construída inicialmente, também uma possibilidade de horizontalidade parental na relação familiar. De modo explícito, podemos aventar uma questão de *status* social antes de qualquer coisa, pois uma estava como esposa e outra não. Contudo, é importante não perdermos de vista o eixo e o fenômeno de investigação que se trata da dimensão subjetiva e psíquica da relação do trisal.



Mesmo com a separação legal do casal efetivada, paradoxalmente, quando Olívia expressa sobre eles “serem casados” e ela “não poder casar”, ao dizer, também, que “hoje” ela consegue ver “o casamento com os dois”, possibilita-se a construção de um último indicador de sentidos subjetivos: o casamento ainda é vivido subjetivamente pelo trisal como a forma de legitimar a relação afetivo-sexual e a configuração familiar entre eles (Indicador 4).

Esse indicador ganha força, igualmente, com William contando que é *“super apaixonado por elas, né, mas tem muita gente que fala que são dois problemas. Por que? Só porque tá casado”*. Então, temos indícios de sentidos subjetivos de que o “casamento” permanece sendo para o trisal a base da configuração poliamorosa de família e de seu arranjo relacional, ainda que não haja mais a possibilidade de lavrar escrituras públicas em cartórios, que refletiam a existência de uma relação poliamorosa. Desde o ano de 2018, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em resposta às repercussões negativas manifestas por uma ala mais conservadora de instituições que defendem o direito – de um tipo – de família, decidiu contestar essa prática notarial, consistente em realizar escrituras em cartórios que tinham, principalmente, um valor simbólico sobre as uniões poliamorosas desde 2012 (Pilão, 2021).

Sendo assim, a configuração subjetiva de família dos participantes rompe com a monogamia no aspecto quantitativo, isto é, na passagem do arranjo relacional de casal para trisal. O que os vincula ao poliamor por uma definição, conhecida com um estudo para o estado da arte (Soares, 2022), que justamente se centraliza no aspecto quantitativo da relação, abrindo novas zonas de sentido para a vivência afetivo-sexual concomitante com mais de duas pessoas de forma consensual, bem como por ser como os próprios participantes da pesquisa denominam sua família e seu relacionamento.

No entanto, ao que concerne às dinâmicas estruturais sócio-histórico-culturais, o trisal parece configurar subjetivamente sua família e seu relacionamento como uma proposição de reforma da monogamia. Uma crítica à relação poliamorosa como possível extensão da monogamia, entendida como uma organização normativa dos afetos que não se reduz ao problema numérico, encontra ressonância no pensamento de Vasallo (2018) e também em Núñez, Oliveira e Lago (2021).

Então, os indicadores construídos nesta ramificação possibilitam a formulação de uma das hipóteses elaboradas com este estudo: a configuração subjetiva de família poliamorosa e do arranjo relacional do trisal se situa em um entrelugar na monogamia e na não monogamia (Hipótese 1). Outros indicadores e hipóteses construídas podem ser conferidas em Soares (2022) e Soares e Patiño Torres (2023).



4 Considerando finais: se a laranja passa a ser dividida em três

Assim como as análises construídas na ramificação anterior apresentam uma das perspectivas possíveis de articulação e geração de conhecimento com o trabalho de campo, estas considerações também fazem ver um modo de pensamento possível, com o qual mais uma vez me coloco em compromisso. Um modo que, sim, busca – aprender – maneiras de escapar a um ensimesmamento de ideias e emoções, em que, muitas vezes, pensar fundo requer estar sozinha (Lispector, 1999), para com isso se permitir ceder ao convite da criação de resistências minúsculas conjuntas (Fernández-Savater; Varela Huerta, 2020).

Digo sobre esse ser um dos modos possíveis de construir conhecimento com a pesquisa por imaginar outras vias de interpretações passíveis de serem concebidas, a variar com as alianças teóricas que se assume e também da perspectiva de mundo e vivências da pessoa que investiga/escreve.

Então, ao considerar uma escrita a modo de finalização, podemos perceber que o poliamor foi sendo configurado subjetivamente por Olívia, Elizabete e William na forma de um arranjo relacional de grupo fechado. Dessa maneira, a polifidelidade está presente na dinâmica relacional em trisal das pessoas participantes deste estudo. Para elas, os ideais de igualdade e honestidade ganham foco na configuração subjetiva de sua relação, diferente do que Pilão (2015) identificou, em sua pesquisa, sobre os valores de liberdade e espontaneidade como centrais para a maior parte dos interlocutores poliamoristas de sua investigação.

Através da conversação com o trisal, foi possível entender que a configuração subjetiva de seu arranjo relacional implicou em uma ruptura e uma ampliação da imagem de casal como relacionamento padrão. Esse processo aconteceu tanto por parte de Elizabete e William, que anteriormente, vivenciavam monogamicamente sua relação em casal, quanto para Olívia, quem igualmente tem um histórico pessoal monogâmico. Os três precisaram criar novos sentidos subjetivos no decorrer de seu envolvimento amoroso e sexual para romper com a representação de casal como forma, ainda dominante, de subjetivação social monoheterocisnormativa da cultura ocidental moderna.

A partir disso, a informação na pesquisa foi construída mediante uma interpretação da configuração subjetiva de família e arranjo relacional poliamoroso do trisal, que parece se situar em um entrelugar na monogamia e na não monogamia. Com relação à monogamia, foram formulados indicadores, entre outros, de que o amor romântico e o casamento ainda são configurados subjetivamente pelo trisal como a forma de legitimar seu relacionamento. Ao mesmo tempo, os três nomeiam sua relação como poliamorosa por se vincularem afetiva e sexualmente com mais



de uma pessoa de forma consensual e concomitante, o que subverte o aspecto quantitativo como dinâmica implícita na monogamia, que acontece através da traição e da monogamia em série (Emens, 2004).

Ainda sobre esse aspecto, considero que a forma como o trisal configura subjetivamente seu arranjo poliamoroso em grupo fechado possibilita situar o poliamor, a partir da investigação realizada, numa posição de ambiguidade com a monogamia, diferente da posição de antagonismo que Pilão e Goldenberg (2012) encontraram em parte dos poliamoristas de seu estudo.

Seguindo com a consideração, coloco à vista o aspecto religioso que se fez presente na forma como as pessoas participantes da presente investigação configuram seu relacionamento poliamoroso em grupo, subvertendo o dogmatismo religioso cristão para manterem-se em trisal. Como aprendi com González Rey e Moncayo Quevedo (2019, p. 144, tradução nossa), “[...] uma produção subjetiva [...] integra vários sentidos subjetivos que expressam, de forma singular, as construções sociais articuladas nos discursos, representações e preconceitos dominantes [...]”³. Nesse sentido, incito à relevância de estudos porvires que se disponham a revis(it)ar a categoria “poliamor”, enfatizando o âmbito religioso, em específico. Já que, inicialmente, em sua ideologia e prática, o poliamor surgiu de um seguimento espiritualista e pagão (Cardoso, 2010), e, de forma curiosa, atualmente, com o que observamos no cenário social da pesquisa e com o trabalho de campo, a categoria “poliamor” vem sendo mobilizada a partir de – rupturas com – um seguimento religioso cristão e evangélico, caracteristicamente mais conservador e moralista no contexto histórico-cultural da sociedade moderna ocidental.

Por fim, entendo que o trisal parece coadunar, de certa maneira, com o novo normal que Haraway (2016b) provoca em seu livro *Staying with the Trouble*, provocação com a qual avançamos na problematização. O que pode ser indício de um percurso inicial para se legitimar outras configurações de relacionamento, para além da monogamia com sua figura tradicional do casal heterossexual, tida como princípio de família no âmbito jurídico. Ao mesmo tempo, os indicadores construídos possibilitam considerar sentidos subjetivos da vivência poliamorosa do trisal de se tornar a nova “família Dorian”, isto é, de que a configuração de seu relacionamento também se torne “padrão”. Esse fator, por sua vez, pode cair em uma polinormatividade, conforme alerta Wilkinson (2010), e também se tornar uma forma de institucionalização do poliamor, como sugerem Costa e Belmino (2017), de modo a construir novas hegemonias que não promovam transformações políticas, subjetivas e sociais mais amplas e efetivas.

3 “[...] a subjective production [...] integrates various subjective senses that express, in a singular way, the social constructions articulated in the dominant discourses, representations, and prejudices [...]” (González Rey; Moncayo Quevedo, 2019, p. 144; no original).



Referências

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. (Antropologia social).

BARAD, Karen. Performatividade queer da natureza. Tradução: Jorge Felipe Marçal. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 3, n. 11, p. 300-346, jul.-set. 2020. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>. Acesso em: 26 de jul. 2023.

BONATO, Fernanda Rafaela Cabral. *A formação científica sobre sexualidade nos cursos de graduação em psicologia da região de Curitiba*. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*: vol. III. Petrópolis: Vozes, 1987.

BUTLER, Judith. Capítulo 1: sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a. (Sujeito e História). p. 15-60.

BUTLER, Judith. Prefácio. In: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b. (Sujeito e História). p. 7-14.

CARDOSO, Daniel dos Santos. *Amando vári@s: individualização, redes, ética e poliamor*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

COSTA, Tatiane; BELMINO, Marcus Cêzar. Poliamor: entre a institucionalização e a transgressão. *Tempo da Ciência*, Toledo, v. 24, n. 48, p. 77-86, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/issue/view/946>. Acesso em: 22 de maio 2022.

EMENS, Elizabeth F. Monogamy's Law: Compulsory Monogamy and Polyamorous Existence. *New York University Review of Law & Social Change*, New York, v. 29, p. 277-376, 2004. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=506242. Acesso em: 30 de jul. 2022.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*: em conexão com as pesquisas de Lewis H. Morgan. Tradução: Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2019. *E-book*.

FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador; VARELA HUERTA, Amarela. Silencio, pasividad y disimulo: maneras de escapar cuando no hay salida y una Postdata. *Acta poét*, México, v. 41, n. 2, p. 29-46, 2020. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/acta-poetica/index.php/ap/article/view/874>. Acesso em: 18 de jun. 2022.

FRANÇA, Matheus Gonçalves. *Além de dois existem mais*: estudo antropológico sobre poliamor em Brasília/DF. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016.



FRANÇA, Matheus Gonçalves. “Um é pouco, dois é bom”, três (ou mais) é demais? – processos de negociação em torno de (in)definiçõesêmicas do poliamor. *Tempo da Ciência*, Toledo, v. 24. n. 48, p. 45-61, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/issue/view/946>. Acesso em: 22 de maio 2022.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13).

FREYRE, Gilberto. O indígena na formação da família brasileira. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, 1). p. 156-263.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A epistemologia qualitativa vinte anos depois. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis.; PUENTES, Roberto Valdés (org.). *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde*. Uberlândia: EDUFU, 2019. *E-book*. (Coleção Biblioteca Psicopedagógica e Didática. Serie Ensino Desenvolvidamental, v. 7). p. 21-46.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski. *Educación & Sociedad*, Campinas, ano 21, n. 70, p. 132-148, abr. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/K74Tm7bWnR5gmNQNSffsQxp/?lang=es&format=pdf>. Acesso em: 22 de fev. 2022.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Human motivation in question: discussing emotions, motives, and subjectivity from a cultural-historical standpoint. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, United Kingdom, v. 45, n. 4, p. 419-439, 2014. Disponível em: https://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/teoria_da_subjetividade/Gonzlez-Rey-Human-Motivation-in-Question.pdf. Acesso em: 22 de fev. 2022.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. La afectividad desde una perspectiva de la subjetividad. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 15, n. 2, p. 127-134, agosto 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/dxHzc5yXPYJqWLsYFRbmbkd/?lang=es>. Acesso em: 05 de mar. 2022.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. *Papeles de trabajo sobre cultura, educación y desarrollo humano*, Girona, v. 13, n. 2, p. 3-20, 2017. Disponível em: http://fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/teoria_da_subjetividade/Desarrollo-de-la-Subjetividad.pdf. Acesso em: 08 de jun. 2022.



GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MONCAYO QUEVEDO, Jorge E. Sexual diversity, school, and subjectivity: the irrationality of the dominant rationale. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GOULART, Daniel Magalhães (org.). *Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research*. Singapore: Springer, 2019. p. 133-147.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O social como produção subjetiva: superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, Campos dos Goytacazes, v. 2, n. 2, p. 167-185, 2012. Disponível em <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1023>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Tradução: Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2016.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; PATIÑO TORRES, José Fernando. Epistemologia Qualitativa e estudo da subjetividade em uma aproximação cultural-histórica: conversa com Fernando González Rey. In: PATIÑO TORRES, José Fernando (org.). *Estudos da subjetividade: uma aproximação interdisciplinar*. Palmas: EDUFT, 2020. p. 14-25.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. The topic of subjectivity in psychology: contradictions, paths and new alternatives. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, United Kingdom, v. 47, n. 4, p. 502-521, July 2017. Disponível em: http://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/teoria_da_subjetividade/The_topic_of_subjetivity_in_psychology.pdf. Acesso em: 05 de jul. 2021.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Tradução: Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade*, Campinas, ano 3, n. 5, 2016a. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 17 de jul. 2021.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016b.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (org.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Tradução: Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 188-198.

JUNG, Carl. G. *Estudos alquímicos*. Tradução: Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras Completas, v. 13).



KNOBLAUCH, Fernanda Daltro Costa. *A afetividade como princípio orientador das famílias: dialogando monogamia e poliamor*. 2018. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2018.

LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências*. 2. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

LINS, Regina Navarro. *Novas formas de amar*. São Paulo: Planeta, 2017.

LISPECTOR, Clarice. Brincar de pensar. In: LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 4-5.

MEIRELES, Victor Hugo Brandão. *Heteronormatividade e suas implicações nas subjetividades de jovens universitários cis-gays sob a perspectiva da teoria da subjetividade*. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

MONCAYO QUEVEDO, Jorge Eduardo. *Educación, diversidad sexual y subjetividad: una aproximación cultural-histórica a la educación sexual escolar en Cali-Colombia*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

NOGUERA, Renato. *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

NÚÑEZ, Geni; OLIVEIRA, João Manuel de; LAGO, Mara Coelho de Souza. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 16, n. 3, p. 76-88, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/issue/view/1600>. Acesso em: 08 de mar. 2022.

PEIXOTO, Luciano Crotti. *As uniões poliafetivas: sua realidade como nova forma familiar e a importância da atividade extrajudicial para efetivação do instituto e da cidadania participativa*. 2019. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, 2019.

PILÃO, Antonio Cerdeira. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 44, p. 391-422, jan.-jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100391&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de jan. 2022.

PILÃO, Antonio Cerdeira; GOLDENBERG, Mirian. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Artemis*, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 62-73, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/14231>. Acesso em: 11 de maio 2021.

PILÃO, Antonio Cerdeira. Normas em movimento: monogamia e poliamor no contexto jurídico brasileiro. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 16, n. 3, p. 103-115, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/issue/view/1600>. Acesso em: 08 de mar. 2022.



PILÃO, Antonio Cerdeira. Quando o amor é o problema: feminismo e poliamor em debate. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rHXdGnbh8LdgJnTvWYNLYRB/?lang=pt>. Acesso em: 22 de maio 2022.

PORTO, Duina Mota de Figueiredo. *O reconhecimento jurídico do poliamor como multiconjugalidade consensual e estrutura familiar*. 2017. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

REIS, Janaina Batista Gonzalez. *A construção de um relacionamento na perspectiva do poliamor*. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROTONDANO OLIVEIRA, Ricardo. Entre monogamia y poliamor: el futuro de la familia en Brasil. *Revista de la Facultad de Derecho*, Montevideo, n. 44, p. 244-275, ene.-jun. 2018. Disponível em: <https://revista.fder.edu.uy/index.php/rfd/article/view/606>. Acesso em: 22 de maio 2021.

SANTIAGO, Rafael da Silva. *O mito da monogamia à luz do direito civil-constitucional*: a necessidade de uma proteção normativa às relações de poliamor. 2014. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.

SILVA, Grazielle Campos da. *Do amor romântico ao poliamor*: uma análise crítica a partir da teoria feminista. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOARES, Camila Ribeiro Castro. “Novas” configurações de relacionamento afetivo-sexual: a criação subjetiva de uma relação em trisal. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

SOARES, Camila Ribeiro Castro; PATIÑO TORRES, José Fernando. A subjetividade nos processos comunicativos de uma relação poliamorosa em trisal. *Esferas*, Taguatinga, v. 1, n. 27, p. 1-22, ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i27.14323>. Acesso em: 01 de set. 2023.

VASALLO, Brigitte. *Pensamiento monógamo*: terror poliamoroso. Madrid: La Oveja Roja, 2018.

WILKINSON, Eleanor. What’s queer about nonmonogamy now? In: BARKER, Meg; LANGDRIDGE, Darren (ed.). *Understanding non-monogamies*. Abingdon: Routledge, 2010. p. 243-254.

